

PROCESSOS FORMATIVOS E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: AS AÇÕES DA QUARENTENA EM FOCO

Mônica Maria Farid Rahmeⁱ

Anamaria Fernandes Vianaⁱⁱ

Deborah Stephanie de Oliveira Henriquesⁱⁱⁱ

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o percurso de trabalho extensionista produzido pelos projetos *Cia. Ananda* e *Arte e diferença* no primeiro semestre de 2020. Para tanto, apresentamos inicialmente algumas reflexões sobre o vínculo da universidade com a comunidade e a sua posição na cidade, como espaço comprometido com a democracia e com a produção de saberes. Em um segundo momento, exploramos a dinâmica de trabalho e a dimensão metodológica que se desenhou na proposição e desenvolvimento das ações de extensão durante esse período, e analisamos os efeitos que a partilha de ações comuns significaram para a relação educativa. Por fim, tecemos algumas considerações sobre possíveis contribuições dessa experiência para processos formativos no contexto da universidade.

Palavras-chave: Educação; Arte; Extensão universitária.

FORMATIVE PROCESSES AND UNIVERSITY EXTENSION: QUARANTINE ACTIONS IN FOCUS

Abstract: This article aims to analyze the path of the extension work produced by the *Cia. Ananda & Art* and *the difference* projects in the first half of 2020. In order to do that, we initially presented some reflections on the connection between the university and the community and its role in the city, as a space committed to democracy and knowledge production. Subsequently, we explored the work dynamics and the methodological dimension that was designed in the proposal and development of extension activities during this period. We also analyzed the effects that the sharing of common actions meant for the educational relationship. Finally, we made some comments about possible contributions of this experience to training processes in the university context.

Keyword: Education; Art; University Extension.

As mudanças provocadas pela emergência da pandemia afetaram o cotidiano de bilhões de pessoas pelo mundo, que se viram diante do desafio de preservar a própria vida e de evitar uma radicalização da crise sanitária causada pelo covid-19, que atravessou os cinco continentes, subvertendo os limites impostos pela distância e pelas fronteiras entre países. Para preservar as condições básicas de atendimento na área da saúde, o isolamento social se mostrou uma alternativa para os riscos de contaminação em massa, levando à necessidade, no caso brasileiro, de que governos estaduais e municipais adotassem medidas como a quarentena, com o intuito de alcançar essa finalidade (OPAS, 2020).



Nesse contexto, os projetos de extensão universitária *Cia. Ananda e Arte e diferença*, vinculados à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) viram-se diante de uma nova demanda: sem condições concretas de desenvolver as atividades presenciais a partir do mês de março de 2020, como poderíamos produzir, junto ao nosso grupo de estudantes, proposições que pudessem ser realizadas remotamente, garantindo o isolamento social? A pergunta se articulava diretamente à perspectiva de que a extensão universitária é um território profícuo de formação, experimentação e de encontro, no qual os avanços tecnológicos nos permitiriam valorizar a vida – em um cenário marcado pelo risco do adoecimento e pela efemeridade da existência –, cultivar os laços com a comunidade e ampliar os horizontes do processo de ensino-aprendizagem. Analisando o uso das tecnologias na estruturação de propostas implementadas durante a crise sanitária, Arruda (2020) ressalta que “dadas as inúmeras dificuldades encontradas, observamos que as respostas educacionais por meio das tecnologias demonstraram importantes iniciativas no sentido de considerar a excepcionalidade do momento e desconstruir possíveis imobilismos que pudessem comprometer a importância da educação na vida das famílias” (p. 264). Em um movimento, portanto, de articular uma resposta educacional que se valesse das mediações tecnológicas, tendo em vista a necessidade do isolamento social, propomos as *ações da quarentena*.

Tendo como referência o percurso de trabalho dos projetos e contando com a participação de bolsistas regulares e voluntários, ações foram delineadas e passaram a concretizar o desejo de construir alternativas de convivência e de compartilhamento de saberes já constituídos, em um cenário marcado por várias dimensões do não-saber em torno do vírus, do tempo necessário para uma amenização da crise sanitária, dos seus efeitos para a vida cotidiana, para a economia, dentre outros aspectos. Intentávamos, desse modo, abrir frestas para a emergência de outros saberes que pudessem reinventar os projetos em um contexto marcadamente diverso.

Assim, se por um lado planejar e implementar as atividades de extensão em modo remoto evidenciava o que era possível em um momento emergencial no qual precisávamos evitar o contágio, por outro lado, não deixávamos de considerar a perda imposta aos projetos, tendo em vista que as ações da quarentena não substituíam a função e alcance das atividades presenciais. Portanto, uma parte da comunidade com a qual trabalhávamos não iria necessariamente usufruir das novas propostas. Além disso, como alerta o Coletivo Colemarx (2020), os riscos de uma precarização das atividades de ensino no contexto da pandemia precisavam ser consideradas, tendo em vista as tensões que envolvem o presencial e o não-presencial na educação pública brasileira.

Considerando os pontos acima destacados, este artigo tem como objetivo analisar o percurso de trabalho extensionista produzido pelos projetos *Cia. Ananda* e *Arte e diferença* no primeiro semestre de 2020. Para tanto, apresentamos inicialmente algumas reflexões sobre o vínculo da universidade com a comunidade, e a sua posição na cidade, como espaço comprometido com a democracia e com a produção de saberes. Em um segundo momento, exploramos a dinâmica de trabalho e a dimensão metodológica que se desenhou na proposição e na implementação das ações de extensão durante esse período, e analisamos os efeitos que a partilha de ações comuns significaram para a relação educativa durante o seu desenvolvimento.

O texto se divide em três partes. Na primeira abordamos a extensão universitária e situamos os projetos *Cia. Ananda* e *Arte e diferença* nesse contexto. Em seguida, apresentamos as *ações da quarentena*, focalizando, de uma forma geral, suas proposições e metodologia, e analisando de modo mais aprofundado a ação voltada para a prática das entrevistas. Na terceira parte, abordamos os efeitos que a partilha de ações comuns significaram para a relação educativa nesse contexto. Por fim, nas considerações finais, tecemos algumas reflexões sobre possíveis contribuições dessa experiência para os processos formativos no contexto da universidade.

Extensão universitária: invenções na cidade

A universidade é uma instituição social, como afirma Chauí (2004), diretamente vinculada à estrutura e ao funcionamento da sociedade na qual se situa, e exposta às suas contradições e conflitos. A autora destaca que a universidade pública sempre foi uma “ação social, uma *prática* social fundada no reconhecimento público de sua legitimidade e de suas atribuições, num princípio de diferenciação que lhe confere autonomia perante outras instituições sociais, e estruturada por ordenamentos, regras, normas e valores de reconhecimento e legitimidade internos a ela” (p. 5).

A universidade pública brasileira tem no ensino, na pesquisa e na extensão três eixos centrais indissociáveis de sua atuação, como registra o artigo 207 da Constituição Federal de 1988. A extensão universitária, modalidade à qual se articula prioritariamente o nosso trabalho, busca integrar o ensino e a pesquisa, fomentando ações que aproximem o conhecimento produzido no âmbito universitário aos diferentes setores da população e estimulando a participação social. Almeja, ainda, tornar as ações extensionistas matéria que renova o ensino e a pesquisa, tendo em vista sua dinamicidade e sua riqueza para os processos formativos. As ações de extensão permitem relacionar os saberes acadêmicos aos diferentes contextos sociais,

e possibilitam que os estudantes ajam, de modo reflexivo, em múltiplas realidades. Constituem-se como pilares da extensão a estreita relação com a democracia, a ampliação do acesso ao conhecimento, a participação da comunidade na universidade, a produção de conhecimento decorrente do trabalho nas comunidades, a atuação interdisciplinar, que estimula uma visão mais ampla e integrada do social (FORPROEX, 1999).

Segundo Serrano (2013), o trabalho de extensão cultural iniciado por Paulo Freire na Universidade do Recife nos anos de 1960, e que é interrompido com o seu exílio, foi fundamental para orientar e fortalecer a perspectiva de extensão universitária que se desenhou no país a partir dos anos de 1980 e que se fortaleceu, em 1987, com a estruturação do Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Segundo a autora, nesse momento se inicia “a discussão sobre indissociabilidade entre os fazeres acadêmicos e a desmistificação da Extensão Universitária como militância política; o conceito da troca, da extensão como via de mão dupla, e a extensão como produção de conhecimento.” (p. 10).

Se a extensão favorece um rompimento com a perspectiva da educação bancária, à medida em que promove um maior contato dos estudantes com as questões da cidade em um contexto emergencial de pandemia, também nos convoca a criar alternativas remotas de ação, que possam ter repercussão junto à população e que nos permitam manter o vínculo com o grupo, trabalhando uma formação investigativa e inventiva com as estudantes. Nesse contexto emergencial, a utilização das mídias digitais permitiu o estabelecimento do contato com o outro e foi objeto de análise junto ao grupo, tendo em vista considerações de que essas mediações poderiam reduzir a riqueza que a comunicação presencial proporciona, além de compactar o olhar sobre a realidade.

Cristofolletti e Serafim (2020) apontam os desafios presentes na articulação do ensino da pesquisa e da extensão, dada as particularidades de cada uma dessas atividades e a dinâmica de trabalho que as envolve. À luz de produções acadêmicas sobre o tema, assinalam o quanto um trabalho conjunto pode contribuir para o aprimoramento de cada uma delas. Do mesmo modo, consideramos que é desafiador desenvolver ações que enodem a extensão ao ensino e à pesquisa, mas que a construção de pontes entre essas três modalidades é enriquecedora para a conquista de avanços na formação universitária, pois permite o exercício reflexivo sobre as ações realizadas com a comunidade, o desenvolvimento do pensamento crítico, do pensar conceitual e da escrita acadêmica.

Um outro aspecto ressaltado por Cristofolletti e Serafim (2020) diz respeito ao fato de que a extensão universitária deve ser analisada considerando seu contexto, conjuntura e história.

Nesse sentido, é possível salientar que as ações da Cia. Ananda e do Arte e Diferença se contextualizam em uma instituição de ensino superior (IES) que dispõe de uma estrutura endereçada ao extensionismo – Pró-reitora de extensão – estabelecida ao longo de décadas, que propicia aos profissionais que nela atuam editais regulares voltados para a seleção de estudantes bolsistas, de recursos financeiros para eventos e para produção de materiais vinculados aos projetos aprovados. Além do suporte da própria IES, nossas ações de extensão contaram com o apoio financeiro do sindicato dos professores, que lançou, em 2019, um edital voltado para financiamento de ações de extensão desenvolvidas sob a coordenação de docentes da universidade e viabilizaram o pagamento de bolsas para estudantes participantes das ações da quarentena. Todavia, embora seja possível indicar a institucionalização desses processos, é necessário sublinhar que o acesso aos recursos financeiros pela universidade pública no Brasil tem-se reduzido consideravelmente, tendo em vista a crise econômica e as medidas referentes a cortes de gastos públicos no país, o que afeta diretamente o número de projetos aprovados e, por conseguinte, o alcance das ações de extensão universitária.

A Cia. Ananda e o Arte e Diferença atuam na perspectiva de aproximar os alunos dos cursos de graduação de temáticas contemporâneas, relacionadas à vida na cidade, ao campo da arte e à diversidade de corpos, que contribuam para um aprofundamento e ampliação da sua formação acadêmica. Dada a particularidade de cada um dos projetos, faremos uma breve apresentação de cada um deles, para, em seguida, focalizar mais propriamente nas ações desenvolvidas durante a quarentena.

A Cia. Ananda foi criada em 2017 e é vinculada ao Curso de Graduação em Dança da UFMG. A Companhia é composta por 20 artistas-criadores e desenvolve espetáculos de dança contemporânea, oficinas temáticas e criações de filmes. Todas essas ações compartilham uma abordagem artística comum: a estética da diferença e a estética da diversidade. Esta perspectiva determina o modo de pensar, fazer e compartilhar suas criações. Para tanto, a Companhia propõe investigar gestualidades próprias, autorais, que buscam romper com padrões estéticos normatizadores e segregacionistas. Procura criar, coletivamente, uma linguagem artística que acolha a diversidade de corpos e as histórias dos sujeitos em construção. Neste sentido, aproxima-se do pensamento de Deleuze (2006) no que tange à produção da diferença não como uma mercadoria capitalista, mas como uma estética que se abre à exploração e reinvenção do sujeito em sua multiplicidade de formas e expressões. Uma estética que busca romper com as modalidades dominantes para criar a sua, aquela que brota no momento presente, que entrelaça traços do passado e o movimento do devir (BERGSON 1999). Uma estética que surge de uma

ética (VIANA, 2005), de um modo de fazer coletivo, de um modo de questionar e reinventar um corpo social.

O projeto Arte e Diferença também iniciou suas atividades em 2017 e se encontra vinculado ao curso de Graduação em Dança e à Faculdade de Educação da UFMG. O projeto tem como perspectiva promover contatos mistos (GOFFMAN, 1988) entre pessoas que vivenciam e que não vivenciam uma situação de deficiência^{iv}, por meio da realização de práticas artísticas que têm a diversidade de corpos como um elemento central. O projeto é desenvolvido com a participação de estudantes de vários cursos de licenciatura e bacharelado, dentre os quais destacamos: Dança, Artes Cênicas, Música, Pedagogia, Psicologia, Terapia Ocupacional. A partir das demandas que emergiram da prática, o projeto fundou o Grupo de Estudos Corpos Mistos, que tem como objetivo promover o estudo de temas relacionados à diferença de corpos em articulação com o campo da arte, da educação, da política e, mais atualmente, da saúde. O projeto Arte e Diferença tem como propósito, ainda, realizar encontros ampliados que promovam interlocuções teórico-práticas e experimentações, contando, para tanto, com a participação de profissionais que investigam as temáticas abordadas, do ponto de vista, prático e acadêmico. (VIANA; RAHME, 2020a, 2020b). Temos priorizado nessas ações a participação de artistas e pesquisadores que experimentam uma situação de deficiência, como uma forma de fortalecer o princípio exaltado na Declaração dos Direitos da Pessoa com Deficiência: “Nada sobre nós, sem nós” (ONU, 2006).

As proposições do Arte e Diferença contam com o apoio do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI-UFMG) desde o início de suas atividades, o que possibilita ao projeto contar com bolsistas regulares. Com a crise financeira, entretanto, e a diminuição de recursos destinados ao ensino superior público, a redução do número de estudantes com bolsa tem sido constante a cada ano, fazendo com que o projeto busque cada vez mais a participação de estudantes voluntários, possibilitando, assim, a sua continuidade. As oficinas artísticas ocorrem uma vez por semana e acontecem em uma sala do Teatro Universitário da Escola de Belas Artes, o que confere uma infraestrutura bastante satisfatória para a sua realização.

Nos últimos anos, verificamos uma ampliação da temática das deficiências na universidade, seja pelo aprimoramento da política de cotas endereçada a esse público, seja pela emergência de outras ações, como a proposição da Formação Transversal em Acessibilidade e Inclusão^v, que possibilitou uma maior aproximação dos docentes que trabalham com essa temática nos diferentes cursos. Essa Formação permitiu, ainda, uma maior visibilidade da oferta de formação nesse tema, existente nas diferentes unidades, processo que se encontrava, até então, mais ofuscado.

Os dois projetos em foco têm como identidade comum a relação com a extensão universitária e, também, o fato de se alinharem na busca por práticas interdisciplinares (THIESEN, 2008), que ampliem o olhar dos estudantes participantes em relação aos sujeitos com os quais atuam. No nosso entendimento, esta proposta de desfragmentação do saber permite a construção do conhecimento de forma circular, unificando diferentes abordagens de forma sensível e singular.

As ações da quarentena

As atividades propostas pelos projetos durante o primeiro semestre de 2020 mobilizaram as professoras coordenadoras e as bolsistas (regulares e voluntárias) na busca por modalidades de intervenção que tivessem conexão com nossas áreas de atuação e com temas de pesquisa com os quais nos encontrássemos de algum modo envolvidas. Uma reunião virtual foi convocada pelas coordenadoras, tendo como referência algumas ideias iniciais. Nesse encontro, interrogamos os saberes do grupo e o que poderia ser feito em um cenário de isolamento social. Sabíamos que seria necessário o suporte das tecnologias e, mais além disso, do nosso envolvimento na proposição. Considerando a relevância desse momento do trabalho, cada participante foi convidada a expressar seus sentimentos diante do novo contexto que se apresentava e em relação ao que poderia ser construído coletivamente naquele momento. Música, dança, bate papo, entrevistas e sessões comentadas de filmes foram algumas das ideias que circularam nas manifestações e que, após um processo de diálogo coletivo, no qual se avaliou a pertinência de cada uma delas, deram início às ações da quarentena. O grupo se dividiu, então, conforme o interesse e conhecimento temático das participantes e, poucos dias depois, as atividades se iniciavam.

Tendo como referência esse processo, passaremos a apresentar as ações *Potlacth*, desenvolvidas durante esse período para, no tópico seguinte, abordarmos mais especificamente o projeto de realização das entrevistas na quarentena.

A extensão como movimento de partilha

Potlacth é uma palavra indígena, referente a uma cerimônia praticada por povos originários da América do Norte. O princípio desses rituais é a prática da doação, da partilha, o que nos pareceu sintetizar a concepção de nosso projeto em um contexto emergencial, de pandemia, que buscava colocar à disposição da comunidade práticas artísticas, experiências de

vida, momentos musicais com o intuito de transmitir vida em um cenário fortemente marcado pela morte. Portanto, o sentido de transformação que buscávamos potencializar nessa ação de extensão considerava os sujeitos participantes como cidadãos que atravessam um momento de fragilidade e de inquietude social, diante do qual a universidade poderia se presentificar como arte, palavra, movimento.

Percebemos de maneira eloquente no momento de isolamento social, o quão precisamos uns dos outros. A necessidade da presença, de uma palavra amiga, de uma atenção, de um favor, de um gesto talvez nunca foram tão relevantes em nossas vidas. Antes deste momento tão inusitado que hoje compartilhamos no planeta, decerto nos percebíamos mais autossuficientes, soberanos. A necessidade do outro poderia nos parecer uma fraqueza, uma vulnerabilidade, uma carência, como o que ocorre, por exemplo, em muitos discursos sobre pessoas em situação de deficiência. Agora, mais do que em outros momentos, deparamo-nos com nossa dependência, nossa incapacidade, nossa fragilidade. Carecemos do outro e assumir esta condição nos leva à prática da humildade e da solidariedade. Precisamos de apoio e precisamos apoiar. Um movimento pouco praticado em uma sociedade capitalista, regada pela supremacia da aquisição pessoal, pelo poder dominante e pelos mais diversos modos de opressão. Ofertar nos conduz a um movimento dinâmico. O que não quer dizer que com ele se pretenda receber algo em troca. Mas ao doar, recebo, com meu próprio movimento e contribuo para um fluxo potente de troca entre seres.

As ações *Potlacth* compreenderam a Seresta da quarentena, o Resistência-se e o Artear. Cristofolletti e Serafim (2020) alertam para as formas de identificação das necessidades e demandas presentes na sociedade, e para a sua importância de considerá-las na formulação das ações de extensão. Na nossa proposição, a Seresta dialogava com a necessidade de encontrar alternativas para amenizar o stress vivido pelos profissionais que atuavam no hospital universitário durante a pandemia. O Resistência-se teve como público-alvo, inicialmente, os estudantes das moradias estudantis, para quem foram propostas diferentes práticas corporais e leitura de textos durante o período de isolamento. Em um segundo momento, a ação se ampliou para todos os universitários que se interessaram em participar. Por fim, o Artear se configurou como uma atividade endereçada às crianças acima de três anos de idade, filhos e filhas de estudantes, técnicos-administrativos e professores da universidade. Passaremos a abordar cada uma das atividades.

A Seresta da quarentena foi estruturada em colaboração com a Comissão permanente de saúde mental da universidade e o programa de extensão Laboratório de Gestão de Pessoas (LAGEPE). A Seresta era composta por músicos voluntários de Belo Horizonte, tendo como

destinatário inicial a equipe de acolhimento à distância e profissionais do hospital universitário. A ação contou com uma bolsista do projeto Arte e Diferença. O objetivo da Seresta era oferecer um momento musical a esses profissionais no final de um período de trabalho, proporcionando, assim, uma experiência de união, compartilhamento e troca.

A condução da Seresta foi implementada para atender dois grupos. O primeiro grupo contou com a articulação da coordenadora do LAPEGE e envolveu enfermeiros do hospital universitário. Depois de dois meses de implementação, o projeto abriu a oferta para outras instituições de saúde não apenas de Belo Horizonte, mas de outras cidades do país. A coordenadora do LAPEGE fazia a ponte entre o projeto de extensão e a equipe de profissionais para a divulgação da atividade, que era implementada por meio de uma plataforma virtual. Já o segundo grupo foi composto pela equipe do acolhimento à distância e teve a participação de uma representante da Comissão permanente de saúde mental da universidade. Os encontros eram estabelecidos a partir das demandas desses profissionais e das disponibilidades dos músicos voluntários, de modo que cada profissional da equipe de acolhimento recebesse uma serenata por semana. Esses encontros tiveram um formato intimista, com cada músico tocando no máximo para duas pessoas a cada encontro. Apresentamos, abaixo, alguns depoimentos colhidos durante a realização dessa atividade^{vi}:

Neste momento desafiador imposto pela pandemia, somos convidados a experimentar novas vivências. A apresentação musical que atravessa as barreiras chegou ao nosso ambiente de trabalho, permitindo-nos momentos de afeto, cuidado e principalmente de esperança, pois a música alegrou nossos corações. Estávamos conectados não somente pelas redes sociais mas também pela solidariedade. Todos se sentiram cuidados (M.M.C. - Enfermeira e gerente de um Centro de Saúde municipal).

A seresta foi um presente, que muito contribuiu para descontração e união da equipe, aliviando a angústia e tensão vividos neste momento.
(R.A.S. - Enfermeira do hospital universitário)

Como já exposto, o Resistência-se teve como foco os estudantes das moradias estudantis, ampliando-se, posteriormente, para os universitários de uma forma geral. Foram propostas diferentes práticas corporais e leitura de textos durante o período de isolamento. A ação envolveu 15 estudantes vinculados aos projetos de extensão, sendo 12 deles voluntários, e contou com a colaboração da Comissão permanente de saúde mental, do Comitê Local da fundação universitária que administra as moradias e com um terceiro projeto de extensão da universidade, voltado para a dança. O grupo criou um formulário de inscrição para engajamento dos participantes e grupos de whatsapp foram organizados para viabilizar os

encontros. Em seguida, a ação era viabilizada por meio de plataforma virtual e o responsável pela atividade disponibilizava um link de acesso para seu grupo. Alguns depoimentos sintetizaram as impressões dos participantes durante o seu desenvolvimento:

As aulas de dança livre têm sido um dos momentos em que eu esqueço toda a situação atual mundial e foco um pouco mais em mim. Dançar tem sido uma terapia e uma jornada de descobertas; desde os movimentos do meu corpo até de habilidades da minha mente. A dança livre me introduziu nesse mundo de uma forma que eu não quero sair e espero continuar dançando e aprendendo mesmo depois que tudo isso passar e, além disso, é uma grande alegria ter conhecido a ... [nome da bolsista] e aprender com ela um pouco mais dessa arte. (E.H.M., Curso de Engenharia Civil– 2º período)

Minha trajetória na universidade sempre foi muito corrida, ficava nas aulas pela manhã, à tarde realizava estágio no CTI do Hospital [universitário] e também algumas vezes fazia cursos à noite. A pandemia foi uma mudança radical nessa rotina, tive que sair da Moradia Universitária e vir pra minha cidade natal... Foi preciso reestabelecer tudo e ocupar meu tempo sem deixar de me cuidar. O projeto foi uma grande oportunidade de praticar atividades em casa, como a Yoga e a Respiração Consciente que me deixam menos ansiosa, e menos preocupada com tudo isso. (A.C.S., Curso de enfermagem - 4º período)

Por fim, o Artear teve como objetivo ofertar aulas de diferentes estilos de dança e leitura de textos para crianças acima de três anos de idade. O projeto teve como meta tornar o momento de isolamento mais divertido e interessante, tanto para a garotada, quanto para os familiares.

Após divulgação da ação e manifestação de interesse por parte das famílias, as estudantes envolvidas disponibilizavam um link de acesso para seu grupo. Todas as estudantes responsáveis por essas práticas cursavam licenciatura em Dança e observamos que essa ação se configurou como uma grande oportunidade para trabalharmos metodologias de ensino-aprendizagem em dança via plataforma virtual. Algo nunca realizado por nenhum de nós e que, naquele momento, fez-se necessário. Por meio de encontros semanais e do compartilhamento das práticas realizadas via drive, o grupo passou a discutir modos alternativos de fazer e de aprender juntos. Vale ressaltar que as questões abordadas não se resumiram à prática no modo virtual, mas, de uma maneira mais ampla, aos processos de ensino aprendizagem em dança para o público infantil.

Uma quarta ação *Potlacth* desenvolvida nesse período foram as entrevistas. A partir da pergunta geradora – *Como sobreviver em tempos de quarentena?* – realizamos entrevistas como conversas (BURGUESS, 1997) com integrantes e parceiros do projeto Arte e Diferença que aceitaram o convite para compartilhar suas diferentes visões sobre a realidade vivenciada, bem como suas estratégias para lidar com os desafios colocados pela pandemia. No próximo

item abordaremos de modo mais aprofundado essa proposição, destacando nosso foco na interlocução com pessoas em situação de deficiência e/ou pessoas que se encontravam diretamente envolvidas com esse grupo, a dinâmica de trabalho implementada com as estudantes e uma breve apresentação do Bate bato na quarentena, uma quinta ação que emergiu nesse processo de trabalho.

As narrativas, os sujeitos e suas múltiplas conexões

A realização de entrevistas é uma prática comum na nossa vida social, que possibilita conhecer mais sobre um sujeito a partir da sua voz, da sua linguagem gestual, da sua escrita, dentre outras possibilidades. As entrevistas podem funcionar como um procedimento formal de pesquisa, tendo suas narrativas analisadas teórico-metodologicamente (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009) ou podem simplesmente ser uma forma de compartilhar trajetórias de vida e desequilibrar visões de mundo e olhares sobre a realidade. Nessa perspectiva, o descentramento de si a partir da fala (ou dos gestos) do outro pode ser um dos movimentos necessários para uma ampliação do olhar e para uma revisão das próprias concepções.

Tendo em vista que a deficiência é um dos temas centrais do projeto de extensão citado, faz-se necessário abrir espaços para debates e para a circulação de discursos que rompam com a lógica capacitista de nossa sociedade. Lógica essa que individualiza a deficiência e hierarquiza os corpos entre os que têm mais ou menos capacidades produtivas. Uma das heranças do capacitismo é tratar a deficiência como responsabilidade única da pessoa, eximindo o estado e a sociedade de garantir acessibilidade adequada para que todos e todas vivam com dignidade (LUIZ, 2020). Se em momentos anteriores as pessoas em situação de deficiência já denunciavam um *apartheid* silencioso em nossa sociedade, que exclui, invisibiliza e segrega (RESENDE, 2008), em um contexto pandêmico, os sistemas de opressão se intensificam, acentuando ainda mais as desigualdades sociais e demarcando, em última instância, quem vive ou morre nessa trama.

Pensando nesse cenário e na impossibilidade de realizar encontros presenciais sobre o assunto, surgiu a série de entrevistas *online Como sobreviver em tempos de quarentena?*. A partir dessa questão geradora, convidamos integrantes e parceiros do Arte e Diferença para conversar e compartilhar conosco e com o público suas diferentes visões sobre a realidade, bem como suas estratégias para lidar com os desafios colocados pela pandemia. Em geral, as entrevistas foram realizadas com pessoas em situação de deficiência ou pessoas implicadas

nessa temática, tendo como perspectiva central tornar pública as questões vivenciadas por elas a partir de suas próprias vozes.

O fato de estarmos diante de uma situação de pandemia que atravessa países em escala mundial, colocou-nos diante de experiências e histórias que nos aproximaram e, ao mesmo tempo, distanciaram-nos de acordo com os grupos aos quais pertencemos e demais características, como identidade de gênero, deficiência, raça/etnia, sexualidade, classe e geração. O ponto aqui não era pensar as diferenças como algo negativo, mas reconhecer que partimos de posições identitárias diferentes, já que experienciamos a vida de modos diversos. Vivendo em uma sociedade que normatiza a vida, deparamo-nos com a problemática da universalização da experiência humana e corremos o risco de não considerar, ou mesmo excluir, histórias diferentes das nossas (RIBEIRO, 2017).

Pensando nessa diversidade de corpos e narrativas, convidamos para participar das entrevistas pessoas que conviviam com diferentes tipos de deficiência, inseridas em contextos distintos, como: pessoas envolvidas com a área da Educação, do Teatro, da Comunicação, da Dança, pessoas cegas, com deficiência física, neuromotora, pessoas com Síndrome de Down, com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Interessante perceber como as questões nas entrevistas se convergiam e se diferenciavam. Verificamos, por exemplo, que, em geral, pessoas com e sem deficiência precisavam lidar com o uso de ferramentas tecnológicas e experimentavam os seus desafios; que se viram diante da necessidade de estabelecer uma nova rotina na pandemia; e que se depararam com a questão do cuidado de si e do outro. Mas nem todos os grupos experimentaram a falta de acessibilidade e o capacitismo, que impõem barreiras e dificultam o acesso a serviços essenciais.

Ao trazer a questão das deficiências não negamos a dimensão individual de cada entrevistado, mas entendemos que a localização social dessas pessoas diz também de experiências partilhadas, inclusive de como estar nesse lugar social pode significar ter tido oportunidades restringidas ao longo da vida (RIBEIRO, 2017). Nesse sentido, além de ter contato com uma multiplicidade de vozes que vivenciam a deficiência sob diferentes perspectivas, buscamos investigar, nas entrevistas, aquilo que atravessa de modo comum essas experiências.

Coube-nos como entrevistadoras, que não se encontram em situação de deficiência, dialogar e sobretudo nos colocar em posição de escuta, pois como sinaliza Ribeiro (2017) "o não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os Outros, enquanto esses Outros permanecem silenciados" (p. 46). Escutar pessoas pertencentes a grupos sociais diferentes dos nossos nos permitiu enxergar situações que

não vislumbrávamos a partir do nosso ponto de vista, como, por exemplo, a dificuldade das pessoas cegas que muitas vezes precisam da proximidade social (por meio do tato) para se locomoverem; a não acessibilidade de *sites* de compras utilizados em larga escala no período de quarentena; os desafios para pessoas com TEA confinadas dentro de casa; das questões que se colocam para mães com deficiência e/ou com filhos atípicos, assim como os impasses que professoras que atuam com o Atendimento Educacional Especializado estão vivendo. Questões como essas somam-se às denúncias feitas por pessoas em situação de deficiência de que o isolamento social e a solidão constituem-se como uma realidade vivida por muitos desde antes da pandemia, contexto gerado pela falta de acessibilidade em nossa sociedade (OLIVEIRA, 2020; MONIZ, 2020).

Escutar e visibilizar esses discursos nos permitiram desestabilizar os estereótipos acerca da deficiência e, inclusive, a própria concepção do que é deficiência (PESSOA; BRANDÃO; MANTOVANI, 2019). O confronto direto com outras vozes denuncia as estruturas de opressão em nossa sociedade e viabiliza minimamente que nos pensemos como sujeitos que fazem parte deste sistema (RIBEIRO, 2017). Cabe, então, a nós nos questionarmos se queremos fazer parte da manutenção ou mudança dessa estrutura.

A produção das entrevistas foi, assim, um constante processo de ação e reflexão desde a chamada de convidados, a escolha dos temas e das perguntas, até a edição, finalização e entrega na plataforma de vídeos *Youtube*. Como dito anteriormente, os projetos contaram, para sua realização, com uma maioria de estudantes voluntárias. Além disso, não tivemos a participação de profissionais ou estudantes da área de comunicação, cabendo ao grupo o processo de pesquisa de ferramentas e estratégias de divulgação. Diante disso, compartilharemos, de modo mais detalhado, como a dinâmica de trabalho do grupo se estabeleceu.

Para o desenvolvimento da ação, foi necessário delinear uma metodologia de trabalho e partilhar uma concepção sobre o ato de entrevistar, o que envolvia a escolha dos convidados e das entrevistadoras, a preparação de um cronograma de trabalho, a elaboração de roteiros, a definição de plataformas, o estabelecimento de acordos em relação à edição. Nesse grupo, as quatro alunas cursavam psicologia e, de algum modo, já tinham experimentado um contato prático ou teórico com o tema, como indicam depoimentos citados abaixo. Primeiramente, o grupo definia quem seria entrevistado e as pessoas manifestavam sua vontade de conduzir o processo. A dupla responsável preparava o roteiro, que era compartilhado em seguida em um grupo de whatsapp, possibilitando que as colegas e a coordenadora pudessem contribuir, fazendo observações ou mesmo propondo outros itens. O agendamento da entrevista, bem como

a definição da plataforma ficavam sob responsabilidade das duplas. Concluída a entrevista, uma primeira versão editada era produzida e disponibilizada para as pessoas entrevistadas e para o grupo expressarem seus comentários. A publicação da entrevista nas redes sociais ocorria após a finalização desse processo. Entre os meses de abril e Junho de 2020, o grupo realizou seis entrevistas, que foram divulgadas por meio de um canal do projeto nas redes sociais.

A entrevista tem nas perguntas, no estabelecimento da interação entrevistador-intervistado, na proposição de questões, dentre outros elementos, fatores relevantes e essenciais para a sua construção. Essas dimensões participam da produção das narrativas e, por isso, tornava-se importante trabalhar com as estudantes a disponibilidade de escuta de quem insere as questões, faz as mediações e pontuações tanto nos encontros coletivos do grupo, quanto nas conversas que antecediam a realização das entrevistas específicas. A dimensão educacional do projeto de extensão se fazia presente desse modo no percurso, a partir das trocas estabelecidas, da circulação de referências de leitura, do enfrentamento dos desafios e da atenção dirigida ao processo de cada participante.

Registros elaborados por três estudantes sobre a experiência de integrar esta ação expressam reflexões sobre a pandemia e seus desdobramentos na vida cotidiana, sobre a situação específica das pessoas com deficiência nesse contexto, das articulações feitas com o curso de graduação, sobre o movimento de se dirigir ao outro, dentre outros apontamentos, como se pode acompanhar abaixo:

Isolamento social sem previsões para acabar, aulas suspensas, trabalhos suspensos, novos cuidados pessoais e coletivos para evitar a propagação e a contaminação do coronavírus. Muito tempo em casa, com a família, sozinho, entretendo com as tecnologias de comunicação. Todo esse processo está sendo vivido de maneiras distintas, os corpos estão encontrando saídas para sobreviver da melhor maneira possível por todo esse turbilhão de mudanças e incertezas.

Como tem sido sobreviver a quarentena para pessoas em situação de deficiência? Antes de participar do projeto Arte e Diferença não me debruçava sobre essas questões, mas ao me disponibilizar a colaborar e fazer as entrevistas tenho desconstruído várias percepções que concebi ao longo da minha vida. A cada dia percebo que a acessibilidade é pouquíssimo pensada em vários contextos e no atual não está sendo diferente, e que diante disso as pessoas estão singularmente construindo seus recursos para lidar com as dificuldades que surgiram. Outro aspecto importante que aparece nas entrevistas é o apoio e comunicação com as pessoas queridas e amadas, que ajudam a passar por esse momento com um pouco de leveza e tranquilidade. (M.I.Q.O., Curso de Psicologia – 9º período)

O encontro com o outro pode permitir aproximações com temáticas e discussões muitas vezes distantes do nosso cotidiano, como indica o relato abaixo, ao apontar o fato da participação nas entrevistas ter permitido à estudante estabelecer conexões com o campo das políticas públicas. Pode permitir, ainda, a elaboração de conexões com práticas específicas do curso de graduação, dentre outros aspectos, como destacado abaixo:

A experiência com as entrevistas tem sido muito enriquecedora para mim, principalmente quando levado em consideração que elas são uma parte essencial da atuação em Psicologia. O método semi estruturado de entrevista pede uma atenção semelhante à necessária em um atendimento, que, querendo ou não, é um conhecimento adquirido com a experiência. Além disso, os temas têm gerado conversas muito produtivas, desde dicas e métodos para a manutenção da saúde mental que também seriam úteis em um contexto diferente, até pontuações sobre políticas públicas a que eu não conseguiria chegar sozinha. Considero, então, que tem sido uma experiência muito positiva. (B.R.O – Curso de Psicologia – 5º período)

O movimento de aproximar-se do outro e perceber os efeitos desse processo sobre si mesmo, a emergência de interrogações sobre os limites detectados na prática da entrevista, bem como uma leitura crítica sobre pontos que poderiam ter sido mais cuidados, perfazem a reflexão reproduzida abaixo e sublinham o quanto o processo formativo guarda uma dimensão artesanal que merece ser cultivada no ensino superior:

O tempo gasto com o outro é um tempo investido. Nesta quarentena, participar das atividades do Arte e Diferença trouxe uma ampliação do olhar, em meio à tantas questões a processar sobre nossas novas rotinas isoladas, um convite: o outro. O conhecimento de diferentes realidades faz com que questionemos a nossa própria e aquela que compartilhamos. As entrevistas com pessoas com deficiências diversas mostram que cada condição traz consigo facetas peculiares. Dar visibilidade à estas que, sem o diálogo, seriam impossíveis de imaginar, é uma forma de reflexão, cidadania e inclusão. Lidar diretamente com essas singularidades me deixou ainda mais interessada no compartilhamento das diferenças, com a arte da palavra e da escuta, pudemos trocar leituras sobre a atualidade e nos atualizar a partir de outras perspectivas. Esta experiência também mostra a limitação que ainda temos no encontro com os outros, porque nosso cotidiano é esvaziado de diversidades, assim, escancara nossas ignorâncias no contato, e traz oportunidade de sermos mais conscientes frente às limitações e potencialidades de cada condição... Se calar para entender. Ser acessível na linguagem. Respeitar um não, um silêncio, um olhar. Enxergar no ar o que não precisa ser dito. Dizer o que é preciso. Dar voz ao que se cala querendo falar. Precisar menos de nós mesmos no encontro com o outro. Não impor, mesmo que sutilmente, nossas boas intenções. Tudo isso é tão difícil quanto enriquecedor, enquanto profissionais e enquanto corpos no mundo, fazemos assim “da vida um passo de dança”, experimentando e compartilhando esse “passo de lado”, que não tem finalidade nem expectativas, é leve, atrapalhado e sintonizado, com o próprio eu, quando a dança é só, com o

outro, quando se dança acompanhado. (E.J.L.O - Curso de Psicologia – 7º período)

As três reflexões acima apresentadas expressam o engajamento das estudantes no processo, bem como pontos de ligação entre vivências do curso de Psicologia e a participação na ação de extensão. Visibilizam problematizações emergentes no processo e indicam o quanto a relação eu-outro atravessa a construção do olhar sobre a realidade. O percurso trilhado evidenciou, ainda, o quanto a diversidade de contextos, gostos e estilos particulariza os cotidianos e ensina a lidar com um cenário que provoca inquietações.

Outra ação conjunta à das entrevistas foi o Bate Papo Quarentena que teve como principal objetivo promover debates com a comunidade sobre arte, diferenças e educação. Essa ação aconteceu mensalmente e teve como proposta conhecer e debater projetos, produções artísticas, filmografias e acadêmicas com artistas, professores das mais diversas áreas e público interessado na abordagem do tema. O Bate Papo aconteceu virtualmente pela plataforma Zoom, sendo oferecido de forma gratuita.

Conforme apontam Pessoa, Brandão e Mantovani (2019) e Pessoa e Silva (2019), nas últimas décadas pessoas em situação de deficiência e seus familiares vem constituindo outras discursividades sobre si e sobre o tema, sobretudo na *internet*, desmistificando preconceitos e estereótipos sobre as deficiências. Pessoa, Brandão e Mantovani (2019) apontam que esses movimentos, muitas vezes, são mais dispersos e têm limites ainda aquém do ideal, mas ressaltam que são nesses espaços virtuais que essas pessoas, historicamente invisibilizadas, têm encontrado um "lugar de existir" e "têm conseguido produzir ruídos e rachaduras na narrativa hegemônica", como também ressalta Ribeiro (2017, p. 50).

Nesse sentido, nosso desejo e intenção com essa ação foi fortalecer e fomentar esses encontros de coexistência, que evidenciam nossa interdependência (DINIZ, 2007). Em um cenário marcado por perdas e sofrimento, não podemos dizer que a pandemia nos mostra facetas aprazíveis, mas, com essas ações, buscamos nos mover em direção à vida. O desejo que fica é de aperfeiçoarmos nossos processos e de darmos continuidade a essas atividades num possível cenário pós pandemia, fazendo furos e rachaduras num sistema que se mostra em ruínas, ao mesmo tempo em que buscamos construir, juntos, mundos mais justos e afetivos.

No próximo item, abordaremos brevemente o acompanhamento às estudantes durante a realização das ações da quarentena, o processo de construção coletiva e a convivência intergeracional.

Diálogo, construção coletiva e relação educativa

Durante a realização das ações da quarentena, o acompanhamento das atividades de extensão era realizado semanalmente pelas coordenadoras e por representantes de outros coletivos participantes, como profissionais de referência da rede de saúde mental e da fundação universitária. Essas reuniões se constituíram como possibilidades de tecer aprofundamentos em questões específicas que emergiam em cada grupo de trabalho, nos pontos relativos à metodologia das ações e no próprio processo de continuidade.

Além desses encontros mais específicos, organizados de acordo com cada ação, uma reunião geral semanal agregava todas as pessoas envolvidas dos diferentes grupos. Nesses encontros, cada equipe destacava aspectos mais relevantes do trabalho desenvolvido no período, os desafios encontrados, bem como os indicativos relativos aos próximos passos.

A interlocução entre os grupos envolvidos nas diferentes ações, assim como dentro de cada grupo, a partilha dos processos, a construção de uma estratégia coletiva de trabalho em um contexto de exceção evidenciaram dois elementos centrais desse percurso, relacionados à sua dimensão educativa. O primeiro se refere ao movimento de transformar sentimentos oriundos de um momento de incerteza em uma ação coletiva; o segundo diz respeito à convivência intergeracional e aos laços de trabalho que ela pode produzir e que envolveram, no caso das ações da quarentena, mediações digitais.

Nesse sentido, ao invés de nos estagnarmos diante do medo, como nos diria o poeta Carlos Drummond de Andrade (1988), dos diversos medos que hoje nos afetam cotidianamente, escolhemos nos mover, ir ao encontro do outro, lutar pela construção de espaços democráticos e solidários. Escolhemos mover nosso saber, desconstruí-lo para aprender, para permitir a criação de novos laços. Escolhemos pisar com mais delicadeza sobre a terra, olhar nossas ações, nossas escolhas e suas consequências. E nesse movimento, nesse olhar que se volta sobre nós, sobre uns e outros percebemos com mais profundidade o que nos une e o que nos separa. O que faz coletivo e o que segrega, “pois, embora o mundo comum seja o terreno comum a todos, os que estão presentes ocupam nele diferentes lugares” (ARENDT, 1987, p. 67). Por mais que a pandemia esteja no mesmo ar que respiramos, ela não afeta da mesma maneira uns e outros. Como nos diz Livio (2020), “Os efeitos do vírus (e da crise econômica que lhe acompanha) são absolutamente variáveis de acordo com a classe social, a cor, o gênero, e a etnia de cada um” e por isso, “não estamos no mesmo barco” (s/p). É por isso que faz necessário não somente implementar essas ações, mas construí-las com as pessoas envolvidas, a partir de suas realidades específicas.

O segundo elemento diz respeito à convivência intergeracional nos processos educativos, e os laços de trabalho que ela pode produzir. A educação é uma prática basicamente intergeracional e, diante do contato sistemático com as estudantes, seja no período de formalização das propostas de trabalho, seja na sua implementação ou acompanhamento, percebemos a potencialidade da dimensão educativa no encontro entre gerações (FERRIGNO, 2003).

O diálogo, o confronto de ideias, a construção de propostas a partir dos desejos e saberes de umas e outras nesse espaço dialógico criado pelo grupo em conexão com a sociedade, possibilitou-nos uma experiência democrática da educação. Uma experiência fundada na prática da liberdade, que não é, como ressalta Freire (1970, p. 37), “uma doação”, mas uma busca individual e coletiva na criação de saberes a partir do compartilhamento das potencialidades de cada uma, buscando uma construção menos hierarquizada. Longe da nossa sala de aula habitual, do nosso fazer presencial, do nosso dia-a-dia cotidiano, deparamo-nos ainda mais com o nosso não saber. Esse novo espaço/tempo criado por esta situação que nos separa e nos une, revela-nos o quão nossa sociedade é desigual e o quão nossos processos de ensino-aprendizagem também podem ser discriminatórios. Mas nos mostra, ao mesmo tempo, que as vivências deste momento podem se configurar como uma oportunidade para desenvolver metodologias mais igualitárias, que renovem os nossos modos de fazer e de compartilhar.

Um outro ponto interessante que observamos nesse processo foi o fato de que o desenvolvimento das ações *Potlacth* em modo remoto permitiu uma reconfiguração da inserção das estudantes, fazendo com que diferenças mais evidentes na realização do trabalho em modo presencial, como a distinção bolsistas regulares – bolsistas voluntários. O engajamento coletivo na proposta aproximou de modo mais horizontalizado esses dois grupos, tornando suas diferenças imperceptíveis nessa nova configuração.

Nesse enlaçamento, destacamos a presença das mediações digitais. Nos encontros intergeracionais, nos quais a presença das tecnologias se fazia condição central para a oferta das ações de extensão para a comunidade, verificamos a desenvoltura e a disposição investigativa das estudantes em descobrir programas, arriscar-se na sua aprendizagem e no seu manuseio, sem a presença das barreiras e dos receios que, muitas vezes, podem-se colocar, sobretudo para as gerações que não se encontram tão centralmente envolvidas com a cultura digital. A maior parte das ações exigiam uma performance diante das câmeras, uma investigação sobre plataformas e redes sociais, além de um manejo dos programas de edição.

As ações *Potlacth* constituíram-se, assim, em um espaço de múltiplas aprendizagens, quando, por meio das interações virtuais e de um processo de criação coletiva, tivemos a

possibilidade de manter a continuidade dos projetos de extensão, trabalhar o vínculo entre as integrantes do grupo, cultivar a prática da extensão como partilha democrática dirigida à sociedade, e potencializar a vida.

Considerações finais

A pandemia tem evidenciado a profundidade da desigualdade presente na sociedade brasileira (LIVIO, 2020), em um contexto no qual a emergência de crises radicaliza a fragilidade sanitária e econômica do país. Nesse cenário, a reflexão sobre a função das instituições como organizações que devem garantir o estado de direito e fortalecer a democracia tem se intensificado, demandando o enfrentamento diante das disputas que colocam em risco conquistas alcançadas no passado. A universidade é parte ativa desse processo e, dentro da sua pluralidade de pensamentos e práticas, deve desempenhar sua função de agente social que produz conhecimento em favor da vida e da construção de uma sociedade referenciada na equidade.

Considerando esses elementos, as ações *Potlacth* desenvolvidas pela *Cia Ananda* e pelo *Projeto Arte e Diferença* evidenciaram a relevância da extensão para os processos educativos, tendo em vista a sua capacidade de enriquecer as práticas de ensino e de pesquisa. Além disso, sublinharam o quanto os estudantes precisam ser considerados nesse processo como sujeitos que vivem na *pólis* e que se posicionam diante do social e de seus próprios percursos formativos. Esses mesmos sujeitos encontram-se marcados pelas particularidades e desafios de seu tempo, e experimentam seus dilemas e tensões.

O desenvolvimento das ações *Potlacth* no primeiro semestre de 2020 contribuem para entendermos o quanto dinâmicas mais horizontalizadas de trabalho com o conhecimento tendem a permitir exercícios de experimentação e de criação no processo de formação no ensino superior; e nos indicam que em um momento no qual o uso das tecnologias se mostra central no âmbito da educação, não podemos minimizar a importância da presença dos professores e do vínculo educativo para os processos de aprendizagem. Do mesmo modo, reafirma a relevância da qualidade das mediações para os percursos formativos, a importância da convivência intergeracional entre docentes e discentes, da criação de espaços educacionais não hierárquicos e da função social da Universidade pública, como espaço que produz conhecimento em conexão com a sociedade, e que se ancora no ensino, na pesquisa e na extensão.

Referências

- ANDRADE, C. D. *Literatura comentada*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1988.
- ARENDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- ARRUDA, E. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. *Em rede: revista de educação à distância*, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 05 jun. 2020.
- BERGSON, H. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BRASIL. Congresso Nacional. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. *Lei n. 13.146*, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão de Pessoas com deficiência LBI. Governo Federal, Presidência da República, 2015.
- BURGUESS, R. G. *A pesquisa de terreno: uma introdução*. Oeiras: Celtas, 1997
- CHAUI, M.. A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, ANPEd, n. 24, p. 5-15, Set./Out./Nov. 2003.
- COLEMARX, *Educação pública comprometida com a igualdade social: porque os trabalhadores não devem aceitar aulas remotas*, 2020. Disponível em: <http://www.colemarx.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Colemarx-texto-cr%C3%ADtico-EaD-2.pdf>. Acesso: 10 jun 2020.
- CRISTOFOLETTI, E. C.; SERAFIM, M. P. Dimensões Metodológicas e Analíticas da Extensão Universitária. *Educação e Realidade* [online], v. 45, n. 1, p. 1-20, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217562362020000100603&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 5 jun 2020.
- DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. 2. ed. São Paulo: Graal, 2006.^[1]_{SEP}
- DINIZ, D. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- FERRIGNO, J. C. *Co-orientação entre gerações*. Petrópolis (RJ): Vozes; São Paulo: SESC, 2003.
- FORPROEX. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. *O plano nacional de extensão universitária*. Brasília: MEC, 1999
- FREIRE, P. *A Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª. Ed. RJ: Guanabara, 1988 [1963].

LIVIO, G. *A pandemia discrimina pela classe, cor, gênero e etnia*. Disponível em: <https://www.justificando.com/2020/04/14/a-pandemia-discrimina-pela-classe-cor-gener-o-e-etnia/>. Acesso em 11 jun. 2020.

LUIZ, K.G. Deficiência pela perspectiva dos direitos humanos. In: CONSTANTINO, C. (org.). *Guia Mulheres com Deficiência: garantia de direitos para exercício da cidadania*. 2020, p. 18-26. Disponível em: bit.ly/36pLJEs. Acesso em: 11 jun. 2020.

MONIZ, A. C. *As pessoas com deficiência sempre estiveram de quarentena*. S. I., 2020. (3 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAdzMIRgJLc/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

OLIVEIRA, F. *Covid-19 e o isolamento das pessoas com deficiência*. 2020. Disponível em: <https://midianinja.org/fatineoliveira/covid-19-e-o-isolamento-das-pessoas-com-deficiencia/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

ONU. *Convenção internacional sobre os direitos das pessoas com deficiência e seu protocolo facultativo*. Nova York, 2006.

OPAS Brasil. *Folha informativa – COVID 19 (doença causada pelo novo coronavírus)*. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 17 jun 2020.

PESSOA, S. C.; BRANDÃO, V. C.; MANTOVANI, C. M. C. A. Imaginários sobre a deficiência: mobilização de afetos cotidianos em campanhas publicitárias. *Intexto*, Porto Alegre, RS, p. 164-186, abr. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/82806>. Acesso em: 11 jun 2020.

PESSOA, S. C.; SILVA, M. Acessibilidade Amorosa: ideias, encontros e afetos para pessoas que experienciam situações de deficiência In: PESSOA, S. C.; MARQUES, Â. C. S.; MENDONÇA, C. M. C. *Afetos: pesquisas, reflexões e experiências em 4 encontros com Jean-Luc Moriceau*. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2019. p. 25- 38.

RESENDE, A. P. C. de. *Apartheid Contra as Pessoas com Deficiência*. 2008. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/apartheid>. Acesso em: 15 jun. 2020.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2017.

SERRANO, M. S. M. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. *Grupo de pesquisa em extensão popular*, v. 13, n. 8, p. 1-15, 2013. Disponível em: https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/1%20Universidade%20e%20Sociedade/US%2013_Texto%201%20Serrano_Conceitos%20de%20extensao%20universitaria.pdf. Acesso em: 17 jun 2020.

SILVEIRA, D. T.; CORDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*. _Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42.

THIESEN, J. S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. *Revista Brasileira Educação*, v. 13, n. 39, p. 545-598, 2008.

VIANA, A. F. *Dança e Autismo, espaços de encontro*. Tese. Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas. 2005

VIANA, A. F. ; RAHME, M. M. F. *Arte e diferença na escola*. Belo Horizonte: PROEX/APUBh, 2020a.

VIANA, A. F.; RAHME, M. M. F. Poéticas da autorialidade no contexto da extensão universitária. *Moringa: artes do espetáculo*, João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 77-93, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/53472/30757>. Acesso em: 14 jul 2020b.

ⁱ Mônica Maria Farid Rahme. Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo (USP). Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: monicarahme@ufmg.br Belo Horizonte-MG. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2123-2989>

ⁱⁱ Anamaria Fernandes Viana. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e em Artes do Espectáculo pela Universidade de Rennes 2. Professora do Curso de Licenciatura em Dança da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: anamariafernandes160@gmail.com Belo Horizonte-MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5695-2244>

ⁱⁱⁱ Deborah Stephanie de Oliveira Henriques. Psicóloga com formação técnica em teatro pela UFMG. Graduada em teatro (licenciatura) pela Escola de Belas Artes da da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: dehsoh@gmail.com Belo Horizonte-MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9299-4396>

^{iv} Empregamos, no artigo, a terminologia pessoas em *situação de deficiência* por entender que essa expressão dialoga com o modelo social de deficiência e com a Classificação Internacional de Funcionalidade, da Organização Mundial de Saúde (DINIZ, 2007). O termo *pessoa em situação de deficiência* é utilizado na França desde 2005 e em outros países francófonos, como o Canadá. A terminologia engloba uma dimensão social e ambiental da deficiência que se estabelece com a lei francesa *Por igualdade de direitos e oportunidades, participação e cidadania para pessoas com deficiência* de 2005. Essa designação tem a vantagem de enfatizar o contexto da pessoa e não suas possíveis limitações pessoais, bem como a importância de agir em seu ambiente físico e social para evitar tais situações. Enfatiza, assim a importância da transformação de ambientes físicos ou sociais em benefício de todas as pessoas que encontram obstáculos. De todo modo, é importante ressaltar que reconhecemos a terminologia *Pessoas com deficiência* utilizada em documentos brasileiros, como na Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015).

^v Essa formação possibilita aos alunos do bacharelado e da licenciatura um contato mais aprofundado com a temática da deficiência e da inclusão escolar. Os estudantes podem cursar toda a formação, que tem uma carga horária de 360 horas, ou disciplinas específicas, como complementação curricular (VIANA; RAHME, 2020b). Além de propiciar uma maior visibilidade à temática da deficiência na universidade, essa formação evidenciou os múltiplos olhares e perspectivas de investigação do tema já existentes na IES.

^{vi} Os depoimentos de participantes serão apresentados em itálico neste artigo. Para preservar o anonimato dos sujeitos, citamos apenas as iniciais de seus nomes e uma breve referência aos seus locais de trabalho ou aos seus cursos, quando se tratarem de estudantes.